



APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

CULTURAS NEGRAS NA MÚSICA, NA LITERATURA E NAS ARTES DAS AMÉRICAS, CARIBE E AMAZÔNIAS AFRODIASPÓRICAS

Maurício Costa (PPHIST/UFPA - PPGSA/UFPA - macosta@ufpa.br)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0223-9264>

Mílton Ribeiro (UEPA | UFPA – milton.ribeiro@uepa.br)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7275-7614>

*A contaminação líquida do mar envolveu tanto mistura quanto movimento*¹
Paul Gilroy

I.

Culturas negras foi a categoria que escolhemos para fazer referência às manifestações artísticas, culturais e folclóricas constituídas pela influência africana no contexto da diáspora negra (ou afrodiáspora) nas Américas, Caribe e Amazônia. Essas manifestações expressam-se como dribles, dobras e fugas nos arranjos canônicos na música, na literatura e nas artes que são constituídos em sociedades coloniais nas quais as forças hegemônicas se colocam em busca da modernidade ocidental - mesmo que tardiamente -, como a do Brasil, por exemplo.

Em nosso país, o termo ganhou notoriedade com a obra “As culturas negras no Novo Mundo - O negro brasileiro III”, de Arthur Ramos (1903-1949), publicada em 1937, parte de uma trilogia que inclui “O negro brasileiro” (de 1934) e “O *folk-lore* negro do Brasil” (de 1935), conjunto considerado como “ensaio de psicologia social e antropologia cultural” (Ramos, 1946, p. 14). O autor reuniu neste volume aquilo que denominou de “material de estudo sobre o Negro, no Brasil” (idem, p. 9) e das “culturas negro-africanas” (idem, p. 14), como peças folclóricas do imaginário africano, registros antropológicos das religiões de matriz africana - chamadas à época de “religiões fetichistas - e os processos de “contatos de cultura” e aculturação” negras nas Américas e no Brasil.

¹ Gilroy, 2012, p. 15.



Não é intenção desta apresentação prestar homenagens indiscriminadas a esse autor ou mesmo qualificar como totalmente aceitáveis suas interpretações do “problema negro na América” (Ramos, 1946, p. 5). Mas vale reconhecer o que havia de inovador em sua proposta de Antropologia baseada numa perspectiva comparativa. Sua proposição metodológica é tributária da escola de Nina Rodrigues (1862-1906), a quem o autor presta reverência direta e da qual é um dos herdeiros intelectuais. Ela visava “sanar algumas dificuldades ou obstáculos no estudo das culturas negras no Brasil” (Santos, 1973, p. 136). Dentre eles, a impossibilidade de “reconstrução dos padrões culturais”, devido a ausência de documentação comprobatória de suas origens tribais, e a imprecisão quanto às mudanças e adaptações nas Américas, Caribe e Amazônia.

No prefácio à 2ª edição (a de 1946), o autor afirma que o sucesso da primeira edição (a de 1937) possibilitou contato com o “estímulo e espontânea colaboração” de pesquisadores da “Argentina, do Uruguai, dos Estados Unidos, do Peru, de Cuba...” (Ramos, 1946, p. 5), sendo considerado por Bernardo Kordon: “Seguramente lo más completo que se ha escrito sobre las influencias africanas en América” (ibidem, p. 5). Ou seja, o texto de Arthur Ramos foi considerado um estudo significativo das “culturas negras deste lado do Atlântico” (ibidem, p. 5).

Embora as interpretações de Arthur Ramos não adotem as orientações racistas de seu mestre estudioso de teorias raciais, seguimos por apontar que o culturalismo de suas obras forneceu as bases conceituais que pensavam a “aculturação” e a “cultura primitiva” enquanto parâmetros para a construção da famigerada democracia racial (Amador de Deus, 2019, p. 71). Apesar disso, “o processo de aculturação caminharia numa via de duas mãos: ao mesmo em que houve uma ‘desafricanização gradual’ dos negros, houve certa ‘deseuropeização’ do branco” (ibidem, p. 71).

II.

Ao seguir a chave interpretativa proposta por Zélia Amador de Deus (2019) acima consideramos a relevância dos conceitos *pretuguês* e *amefricanidade*, idealizados por Lélia Gonzalez (1935-1994), como marcas constitutivas da presença africana na formação das Américas, Caribe e Amazônia. Pela voz da *Mãe Preta*, o primeiro conceito é encarado como estratégia de resistência e persistência das culturas negras no Brasil: “[...] da africanização do português no Brasil [...] e,



consequentemente, a própria africanização da cultura brasileira” (Gonzalez, 2018, p. 40). E por não dimensionar apenas a questão territorial e geográfica da “América como um todo (Sul, Central, Norte e Insular)”, mas porque “incorpora todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretação e criação de novas formas) que é afrocentrada” (ibidem, p. 329), é que o segundo conceito se apresenta como fundamental para o arranjo dos textos selecionados para este dossiê.

Por seu “valor metodológico”, a categoria amefricanidade nos permite a “possibilidade de resgatar uma *unidade específica*, historicamente forjada no interior de diferentes sociedades que se formaram numa determinada parte do mundo” (Gonzalez, 2018, p. 330). Com isso, temos a “América, enquanto sistema etnogeográfico de referência, [visto que] é uma criação nossa e de nossos antepassados no continente em que vivemos, inspirados em modelos africanos” (ibidem, p. 330); de ultrapassagem das “limitações de caráter territorial, linguístico e ideológico” e de “implicações políticas e culturais [...], de fato, democráticas” (Idem, p. 329).

Conceitualmente e metodologicamente, as perspectivas acima convergem para uma orientação expressa na chamada do dossiê “Culturas negras na música, na literatura e nas artes das Américas, Caribe e Amazônias afrodiaspóricas” e qualificam os nossos posicionamentos (e das pessoas autoras dos textos publicados nesta edição) como intérpretes dessas *manifestações amefricanas*. Isso ocorre quando possibilitamos articulações de práticas e produções culturais às dimensões do Atlântico Negro² (Gilroy, 2012), do Atlântico Sul³ (Alencastro, 2000) e do Atlântico Equatorial⁴ (ou “Atlântico norte”) (Chambouleyron, 2006, p. 95).

Por pensar as disposições marítimas, territoriais e regionais e, obviamente, ambientais, sociais e culturais que compuseram os arranjos do “sistema-mundo moderno/colonial” (Bernardino-Costa & Grosfoguel, 2016) e organizaram o complexo

² “[...] as formas culturais estereofônicas, bilíngues ou bifocais originadas pelos - mas não mais propriedades exclusivas dos - negros dispersos nas estruturas de sentimento, produção, comunicação e memória, a que tenho chamado heurísticamente *mundo atlântico negro*” (Gilroy, 2012, p. 35 - grifos nossos).

³ “Na medida em que se zarpava com facilidade de Pernambuco, da Bahia e do Rio de Janeiro até Luanda ou a Costa da Mina, e vice-versa, a navegação luso-brasileira será transatlântica e negreira” (Alencastro, 2000, p. 63).

⁴ “A ligação aqui [na região amazônica] se fazia entre o Estado do Maranhão, a Guiné e a Mina...” (Chambouleyron, 2006, p. 82).



tráfico de pessoas de África para a *Nuestra América* (Martí, 1983 [1891]), criando a ferida colonial e fundando a modernidade, foi que um conjunto plural de autorias negras passou a ser resgatado nas últimas décadas e tem constituído um *contra-cânone* nas Ciências Sociais brasileira - em especial na Antropologia⁵ -, a exemplo da própria Lélia Gonzalez, mas também de autoras/es como Manuel Querino (1851-1923), Virgínia Bicudo (1910-2003), Edison Carneiro (1912-1972), Abdias Nascimento (1914-2011), Alberto Guerreiro Ramos (1915-1982), Eduardo Oliveira e Oliveira (1923-1980), Clóvis Moura (1925-2003), Beatriz Nascimento (1942-1995), Marlene Cunha (1950-1988), etc.. Esse conjunto de autorias negras foi a principal responsável por contestar a tese da democracia racial, a historiografia da escravidão e considerar o racismo como parte fundamental na construção da nação brasileira.

No cenário internacional, temos a reposicionamento de figuras que auxiliaram no desenvolvimento e institucionalização das Ciências Sociais em diversos países das Américas, Caribe e África⁶, a saber: Martin Delany (EUA, 1812-1885), Joseph-Anténor Firmin (Haiti, 1850-1911), William Edward Burghardt Du Bois (EUA, 1868-1963), Jean-Price Mars (Haiti, 1876-1969), Zora Neale Hurston (EUA, 1891-1960), Jomo Kenyatta (Quênia, 1894-1978), Edward Franklin Frazier (EUA, 1894-1962), Katherine Dunham (EUA, 1909-2006), Pearl Primus (Trinidad & Tobago, 1919-1994), Manuel Zapata Olivella (Colômbia, 1920-2004), Cheik Anta Diop (Senegal, 1923-1986), Archie Mafeje (África do Sul, 1936-2007), Safi Faye (Senegal, 1943-2023), Leith Mullings (Jamaica, 1945-2020) e várias outras/os. Esse outro conjunto de autorias negras consolidou o entendimento sobre o papel da diáspora negra na formação de nações nas Américas, Caribe e África; além de constituir os movimentos pan-africanistas e de negritude e as lutas antirracistas na ciência.

Do ponto de vista acadêmico e intelectual, o problema nunca foi a ausência de intelectuais negras e negros nos centros de formação em Ciências Sociais, mas sim o processo de negação das *epistemologias negras* - aquilo que Sueli Carneiro (2023) chama de epistemicídio: “Através do epistemicídio - que é uma forma de sequestro, rebaixamento ou assassinato da razão - as pessoas negras são anuladas enquanto sujeitos do conhecimento e inferiorizadas intelectualmente” (p. 14). Com base nesse

⁵ Naquilo que Ribeiro (2021) chamou de “Antropologia Negra Brasileira”.

⁶ Uma iniciativa nesta direção está sendo desenvolvida por Messias Basques (2022) no projeto www.vozesnegras.com



epistemicídio, a maneira como raça, enquanto categoria analítica, era articulada partindo do preconceito (de marca ou cor) e da discriminação racial e, depois, voltou-se a atenção para o problema do racismo, enquanto estrutura e sistema, o que mudou as bases analíticas e interpretativas do pensamento sobre o negro no Brasil, não visto mais como um problema (Amador de Deus, 2019). Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Eduardo Oliveira e Oliveira, Abdias Nascimento e Guerreiro Ramos foram algumas/ns dessas/es autores/as que ajudaram nessa rearticulação teórico-conceitual a partir dos anos 1970, trazendo o racismo para o centro do debate.

Do ponto de vista das produções científicas, as Ciências Sociais brasileiras negaram a existência de intelectuais negras e negros como parte do cânone e atrasaram por décadas algumas das principais agendas de pesquisa, como o tema das culturas negras e a questão da interseccionalidade, por exemplo. As culturas negras eram quase sempre trabalhadas na chave do folclore desde fins do século XIX até meados dos anos 1960, quando então a disciplina passa por um processo de institucionalização, em especial a Antropologia (Ribeiro, Venancio & Oliveira, 2021). No entanto, o tema da cultura negra não é estabelecido como um campo promissor quando se considera a pouca atenção à questão do racismo e, principalmente, da influência africana no contexto da afrodíaspóra brasileira.

Um caminho inovador para superar essa carência é o da interseccionalidade, proposta teórico-metodológica que visa a articulação entre gênero, raça e classe - os ditos marcadores de diferença ou eixos de diferenciação social. É sabido, atualmente, que Lélia Gonzalez é uma das intelectuais negras pioneira nessa proposição, com os célebres ensaios “A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica” (de 1979), “Racismo e sexismo na cultura brasileira” (de 1980) e “Mulher negra” (de 1985), e promoveu essa abordagem antes mesmo dela ser conceituada como a conhecemos no campo dos estudos de gênero e da teoria feminista.

Do ponto de vista da reparação e reconhecimento, o dossiê “Culturas Negras” propõe-se como a continuação do legado das autorias negras apresentadas acima, no diálogo com suas bibliografias e conceitos. Faz aqui uma reapresentação dos temas que foram fundamentais para o desenvolvimento e fortalecimento das Ciências Sociais brasileira desde o início: imprensa, arte, audiovisual, dança, música, literatura, espaços e festas.



III.

A frase que abre esta apresentação expressa o resultado da seleção dos textos para o dossiê “Culturas Negras”: *mistura* e *movimento*. Como mistura, podemos pensar as origens deste dossiê nas disciplinas “Culturas negras: do Atlântico negro ao Atlântico Equatorial” (PPHIST/UFGA, 2022.2) e “Antropologia, Literatura e Folclore no Atlântico Negro: Mississipi, Caribe e Amazônia” (PPGSA/UFGA, 2024.2), ministradas por Maurício Costa, na Universidade Federal do Pará. Da chamada para o dossiê, surgiu uma nova mistura que foi a recepção de textos oriundos de várias universidades brasileiras e de pessoas em momentos distintos de formação acadêmico-universitária, desde graduandas/os até professoras/es e pesquisadoras/es com carreiras consolidadas dentro e fora da Antropologia. Ainda sobre as misturas, os textos apresentam uma série de debates que ampliam as discussões sobre a presença africana na formação da nação brasileira em contexto de diáspora, diante de uma perspectiva que busca ampliar o olhar para além da “mediação do sofrimento”, como aponta Gilroy (2012, p. 13).

Neste dossiê, os textos dialogam com as *contraestratégias* (Hall, 2016) e as *contraestéticas* (Gilroy, 2012) que ampliam a experiência negra e das culturas negras para além da dialética do sofrimento e exclusão. Em outra direção, os textos aqui expressam reparação, justiça epistêmica e reposicionamento dos cânones negros, numa ode às epistemologias e culturas negras. Disso tudo, surge o movimento, ou movimentos, uma vez que os textos se encaminham em várias direções e espriam reivindicações de outras ordens, que não apenas da mediação sofrimento, mas construindo uma prática de recusa da dor como dimensão epistemológica única e absoluta para as pessoas negras que fazem ciência.

São oito os eixos temáticos deste dossiê, que apresentam trabalhos originais e inéditos, ampliando o sentido da chamada sugerida na revista. Da encruzilhada de epistemologias negras, constituem este dossiê os seguintes trabalhos: no eixo **IMPrensa**, temos o artigo *Galanteadores e Acesas: moralidade e relações de gênero nos “tipos populares” do escritor e jornalista João de Deus do Rego (Belém, 1893-1897)*, de Antonio Maurício Dias da Costa; no eixo **ARTES**, os trabalhos são: *Olhares opostos de artista negras e negros na afrodíspora amazônica*:



afroperspectivas, contraestratégias e artevivências, de Emerson Silva Caldas, Laura Loisy Brito Fernandes & Milton Ribeiro; *Boneca Abayomi: entre a romantização, a (des)legitimação e a confecção no contexto educacional brasileiro*, de Maristela Rodrigues Lima; e *Arjan Martins e Rosana Paulino nos emaranhados do Atlântico Negro: decolonialidade e pensamento afrodiaspórico na arte contemporânea brasileira*, de Pedro Alves de Souza Neto & Tatiana Silva de Lima; no eixo **AUDIOVISUAL**, aparecem os artigos: *Semiótica da fotografia: a representação ancestral dos orixás nas produções visuais Majur e Rachel Reis*, de Marcos das Mercês & Eduardo Oliveira Miranda; *Um passeio pelo álbum visual Bom mesmo é estar debaixo d'água de Luedji Luna e por seus abebés*, de Mileide Dias; e *A negritude pós-diáspora: entre cativos coloniais e potências sensíveis nas representações estético-visuais de videocliques nacionais*, de Jéser Abílio de Souza & Maria Lidia Mattos Valdivia; no eixo **DANÇA** estão os textos: *Amazônia negra – no giro da saia, nos caminhos de Ogum*, de Carmem Priscila Virgolino Teixeira; *Do terceiro espaço à encruzilhada: hibridismo cultural e agência nas danças da diáspora negra*, de Ana Beatriz Coutinho Rezende; e *Dançando com identidades negras: entrelaçamentos entre raça, diáspora e resistência nas danças negras (afro-brasileiras)*, de Wagner Leite dos Santos & Michelle Aparecida Gabrielli Boaventura; no eixo **MÚSICA**, temos: *Cultura, identidade e resistência: a Música Preta como expressão de afirmação*, de Caroline Rodrigues Ferreira & Rosane Azevedo Neves Da Silva; *Cultura Negra Afrodiaspórica: a voz da mulher negra como resistência e reexistência*, de Débora Ferreira Pinto & Maria Antônia Marçal; e *Epistemologia interseccional do barulho: Corpos negros e genderizados no hip-hop*, de Steffane Pereira Santos; no eixo **LITERATURA**, os artigos componentes são: *O poder e a poética das infâncias negras em “Menina de Fogo”*, de Taylane Cruz, de Luciano Galdino da Silva Júnior & Franciane Conceição da Silva; *A literatura negro-brasileira: uma confluência entre Bruno de Menezes e o Rap-PA*, de Állan Sereja dos Santos & Paulo Jorge Martins Nunes; *Ciência e tecnologia ancestral no afrofuturismo literário brasileiro: alguns casos*, de Carmen Irene C. de Oliveira & Letícia V. da Silva Cruz Lopes; *A mulher negra na poesia de Bruno de Menezes, Raul Bopp e Castro Alves: negritude e estereótipos*, de Isabel Neves Oliveira; e *A literatura feminista e negra escrita por Zora Hurston, Alice Walker e Eliana Alves Cruz: poética da diversidade e negritude nas Américas afro-diaspóricas*, de Livia Coelho Netto Affonso; e no último eixo, **ESPAÇOS**



E FESTAS, os textos são: *O Ver-o-Peso como complexo de negritude na Amazônia Paraense*, de Andrea Silva de Melo; *As cores da Festividade de São Sebastião em Cachoeira do Arari: elementos africanos no arquipélago do Marajó-Pará*, de Denise Machado Cardoso & João Vitor Barbosa da Gama; *Negritudes e processos-rituais de morte: outras ancestralidades e manejos culturais*, de Elisa Gonçalves Rodrigues; *Mais perto do céu que do inferno: arte popular, cultura e frevo*, de Maria Paula Maciel; *Batucada: um olhar sobre o samba maranhense*, de Raul Brunno Pereira Sousa, Ricieri Carlini Zorzal, Ana Caroline Amorim Oliveira & Valeria Cristina Lopes dos Santos; e *Cacique de Ramos: uma perspectiva amefricana*, de Thiago de Souza Borges. No espaço **RESENHA**, temos um texto sobre a obra *Quem tem medo do feminismo negro?*, de Djamila Ribeiro (2018), elaborado por Beatriz do Nascimento Camargo.

Desejamos a todas, todes e todos uma excelente travessia!

Referências

Alencastro, Luiz Felipe de. **O trato dos viventes**: formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Amador de Deus, Zélia. **Ananse tecendo teias na diáspora**: uma narrativa de resistência e luta das herdeiras e dos herdeiros de Ananse. Belém: Secult/PA, 2019.

Basques, Messias. Vozes negras na Antropologia: breve história de um projeto antirracista. Em: **Novos Debates**, v. 8, n. 2, 2022, p. 1-24. Disponível em: <https://novosdebates.abant.org.br/revista/index.php/novosdebates/article/view/323/285>. Acesso em 01 jul. 2025.

Bernardino-Costa, Joaze & Ramón Grosfoguel. Decolonialidade e perspectiva negra. Em: **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, 2016, p. 15-24. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6077/5453>. Acesso em 01 jul. 2025.

Chambouleyron, Rafael. Escravos do Atlântico equatorial: tráfico negreiro para o Estado do Maranhão e Pará (século XVII e início do século XVIII). Em: **Revista Brasileira de História**, v. 26, n. 52, 2006, p. 79-114. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/hT5MH7wqWvyKthr5CnTGdQS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 01 jul. 2025.



Carneiro, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

Gilroy, Paul. **O Atlântico negro**: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012.

Gonzalez, Lélia. **Primavera para as rosas negras**: Lélia Gonzalez em primeira pessoa... Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

Hall, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Apicuri, 2016.

Martí, José. **Nossa América**. São Paulo: HUCITEC, 1983 [1891].

Ramos, Arthur. **As culturas negras no Novo Mundo - o negro brasileiro III**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946.

Ribeiro, Milton. "Como é a sensação de ser um problema?" A Antropologia Negra Brasileira e a construção de territórios da negritude na academia. Em: **Novos Debates**, v. 7, n. 2, 2021, p. 1-11. Disponível em: <https://novosdebates.abant.org.br/revista/index.php/novosdebates/article/view/279/248>. Acesso em 01 jul. 2025.

Ribeiro, Milton; Venancio, Vinícius & Oliveira, Thiago. A antropologia brasileira e os ecossistemas localizados: formação, institucionalização e desenvolvimento de antropologias regionais. Em **Ñanduty**, v. 9, n. 14, 2021, p. 6-31. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/nanduty/article/view/15834/8583>. Acesso em 01 jul. 2025.

Santos, Marineide. As culturas negras. Resenha bibliográfica. Em: **Revista de Administração de Empresas**, v. 13, n. 4, 1973, p. 135-137. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/qyskJsQFCy7yWKKz6PgXFxx/>. Acesso em 30 jun. 2025.